coffee summit 2017

"Brasil: o seu parceiro no agronegócio mundial de café!"

Ao início dos trabalhos do Forum, o Presidente do Conselho Deliberativo, Nelson Carvalhaes, acompanhado de José Sette, Diretor Executivo da OIC, e de Antonio Chinellato Neto, Diretor Corporate do Banco Bradesco, patrocinador do evento, ressaltou e agradeceu a presença do brasileiro José Sette, novo diretor-executivo da OIC – Organização Internacional do Café, eleito em março por aclamação. Sette sucede a seu compatriota Robério Silva, prematuramente falecido em dezembro passado, aos 53 anos. Este é o primeiro evento no Brasil a contar com a presença de José Sette, que tomou posse dia 2 de maio. Como diretor-executivo, ele pretende dar continuidade aos trabalhos e ampliar as ações da organização, tornando-a mais dinâmica, inovadora e, principalmente, inclusiva".

Carvalhaes externou a sua expectativa de que ao longo dos três painéis que se seguirão, com a presença de renomados especialistas nas diversas áreas, serão discutidas questões da maior importância abordando as tendências da economia brasileira e, de forma abrangente, os desafios do abastecimento global e os novos fluxos do consumo mundial.

Relembrando, o evento deste ano tem como tema "Brasil: o seu parceiro no agronegócio mundial de café", destacou "que representa muito bem o momento atual que o café vive no País. Estamos na fase mais avançada e organizada do setor. Somos referência mundial da produção de café. Toda a cadeia está entrelaçada e atuando com extrema qualidade; desde a área de pesquisa, produção, o comércio, a exportação, a indústria e o consumo, que consideramos o objetivo principal da cadeia".

CRÉDITOS: CLÁUDIO AROUCA / DIOGO SPARTACUS BRECHES

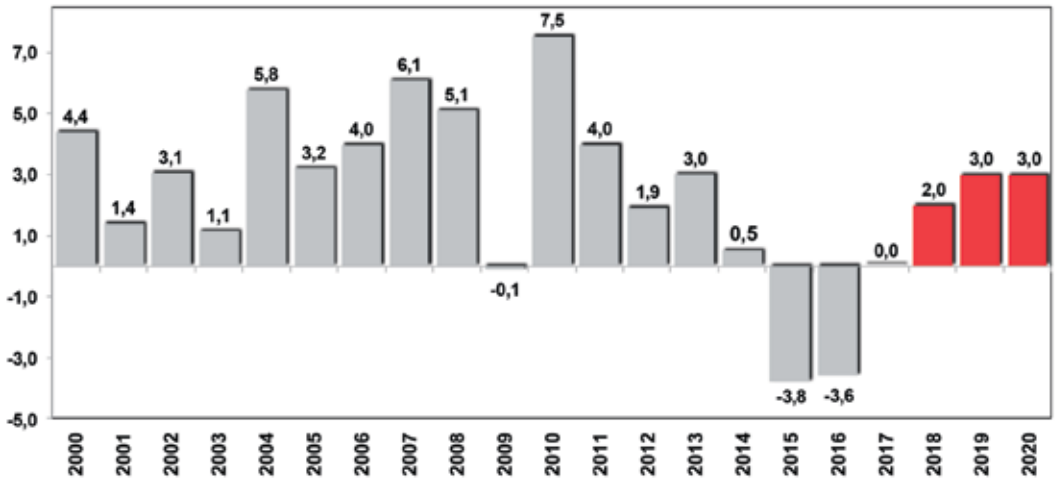
"Um assunto que eu não poderia deixar de falar aqui é a Sustentabilidade. E todas as vezes que me for permitido, eu baterei nessa tecla. Não podemos ignorar a Sustentabilidade. Para o Cecafé, ela se tornou um dos pilares mais relevantes, em que, por meio de uma série de ações e projetos, focaremos na promoção mundial da sustentabilidade do café brasileiro. Estamos cada vez mais inteirados e acompanhando as discussões globais sobre sustentabilidade e efeitos climáticos, o que foi extremamente positivo, pois permitiu que o Cecafé redimensionasse seus desafios e, consequentemente, as necessidades da agricultura".

"Compartilho também com vocês os resultados positivos, vindos de uma base sólida de trabalho. Cito aqui como exemplo os dados de 2016, um ano que apresentou muita instabilidade por conta do cenário econômico e político. No entanto, no ano passado, a exportação do café seguiu para 129 países, acondicionados em mais de 95 mil containers, e ocupou a 5º posição no ranking do agronegócio brasileiro. Além disso, destacamos também que a receita média dos últimos três anos alcançou US$ 6,1 bilhões e o volume exportado em torno de 35,9 milhões de sacas, correspondendo com uma participação no comércio mundial entre 30 e 32%".

"A expectativa do Cecafé é alcançar a marca de 4 milhões de sacas/mês nos próximos anos. Hoje, já contamos com capacidade para fazer isso. E o mais relevante, mantendo o padrão que todos da cadeia já estão acostumados. Trabalhamos para essa atingir essa meta localmente e também fora do País e que o consumidor final sinta satisfação quando estiver bebendo sua xícara de café".

A palestrante iniciou sua apresentação sustentando seis mensagens: a) melhoria da confiança das empresas e famílias; b) inflação em desaceleração acompanhada pela taxa de juros em queda; c) agronegócio entregando uma safra recorde; d) empresas e famílias em processo de desalavancagem; e) avanço na produtividade/eficiência das empresas; e f) momento favorável para o avanço da agenda de reformas. A perspectiva para o PIB em 2017 é de expansão nula, porém preparando crescimento de 2,0% em 2018, pois entende a economista que antes de melhorar tem que parar de piorar, porém já há sinais de retomada por parte das indústrias e consumidores. A estimativa para a inflação em 2017 é de 3,4% (IPCA), com preços dos alimentos contribuindo para essa tendência de queda. Tal patamar inflacionário reflete ainda a menor oferta de empregos. Quanto a taxa de juros básicos da economia, a economista chefe acredita que a autoridade monetária poderá trazer para 8% a SELIC, permitindo o processo de lenta retomada para a economia. Apesar dessas perspectivas favoráveis, há ressalvas relevantes como: a) elevada taxa de desemprego que seguirá elevada ainda em 2018; b) necessidade de ajuste fiscal por parte do governo federal, estados e municípios restringirá a capacidade de investimento público; c) empresas e famílias contendo seus gastos; e d) retomada dos investimentos segue baixa. Entre 2011 e 2016, o PIB do Brasil encolheu 11% e levará alguns anos para retornar ao patamar vivenciado em 2010-12. Há ainda riscos de contaminação da economia pela crise política, de valorização do câmbio devido a negativa do presidente Trump em iniciar uma

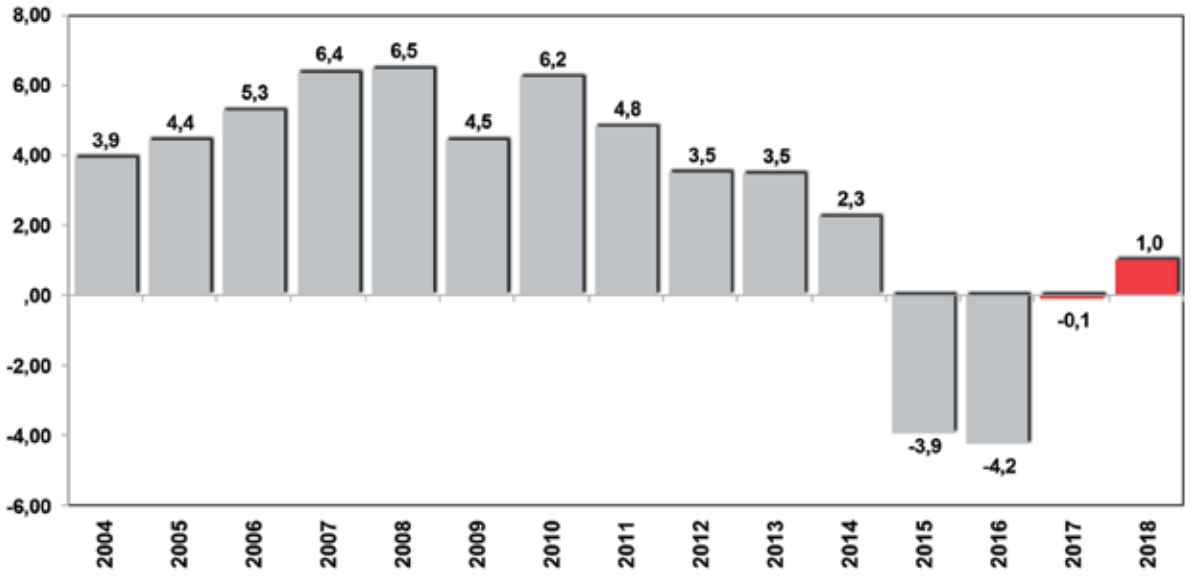
PIB BRASILEIRO
Variação anual



FONTE: IBGE, BRADESCO

Bradesco

PIB CONSUMO DAS FAMÍLIAS
(variação anual, %)



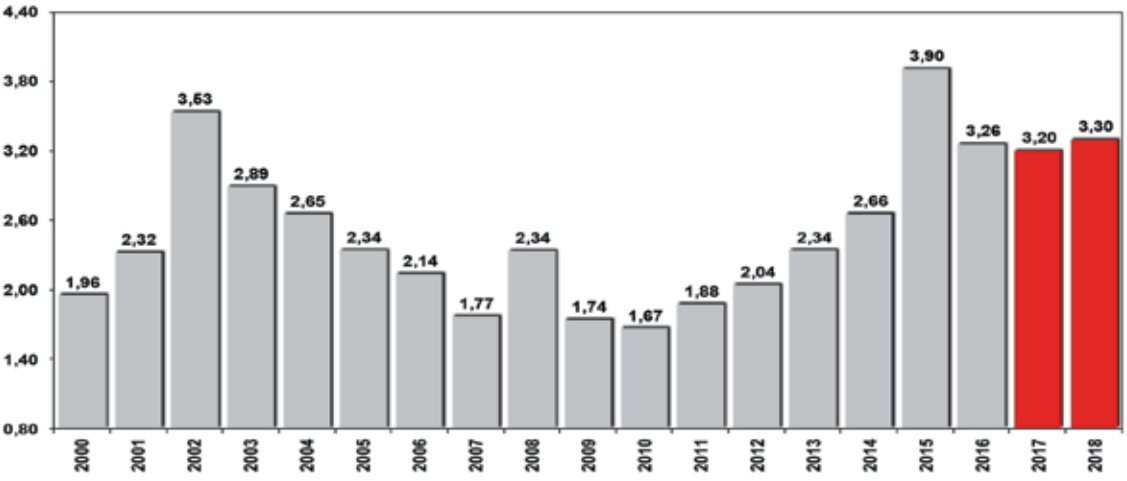
Fonte: IBGE, Bradesco

Bradesco

política fiscal expansionista associada a menor desempenho da economia chinesa. O abrandamento do risco de fechamento do mercado europeu passadas as eleições na Holanda e França também favorece a apreciação do real. Por fim a economista mostrou a queda do CDS de 5 anos para a dívida brasileira, entendendo que a paridade com o dólar e real deverá manter-se em R$3,20/US$ em 2017 e avançar para R$3,30/US$ em 2018.

Fabiana D`Atri, é economista, Coordenadora do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco S/A, é graduada em Economia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Economia pela Escola de Economia Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV).

TAXA DE CÂMBIO - R$/US$



FONTE: BLOOMBERG, BRADESCO

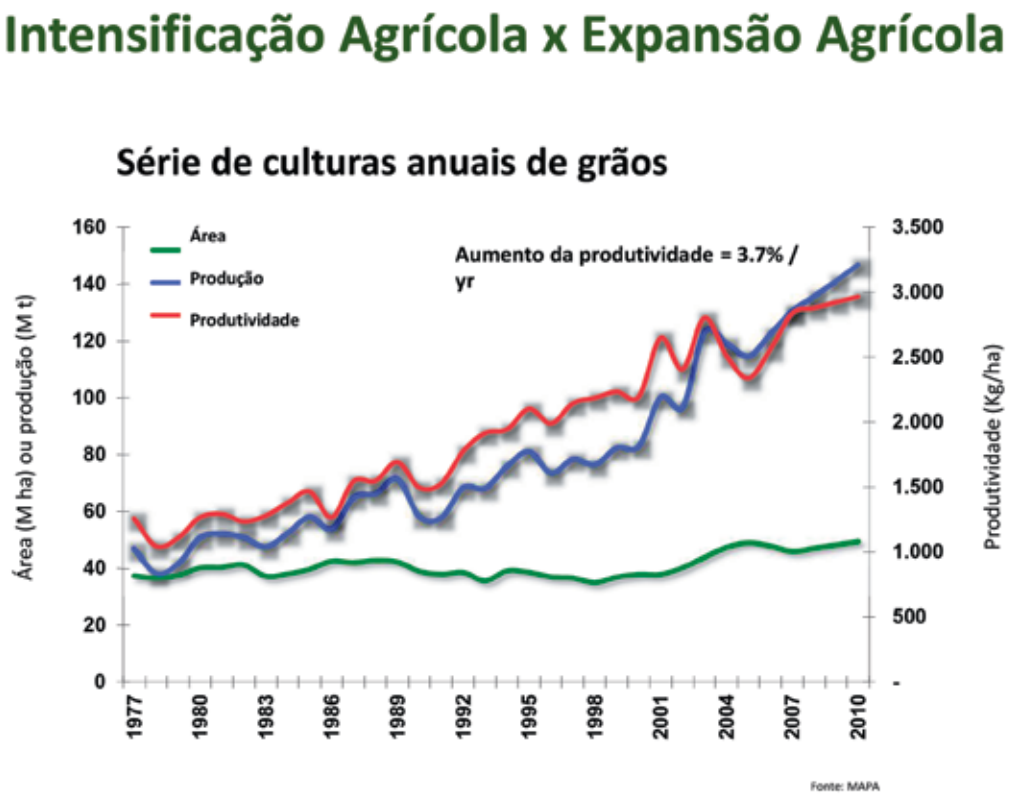
Bradesco

Sob a moderação de Carlos Alberto Santana, da Eisa Interagrícola, os palestrantes Ladislau Neto, diretor-executivo de pesquisa e desenvolvimento da EMBRAPA, Evaristo Eduardo de Miranda, Chefe Geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, e José Sette, diretor-executivo da OIC, iniciaram o painel "Desafios do Abastecimento Mundial de Café".

Competitividade com Sustentabilidade

Primeiramente, o palestrante iniciou sua apresentação tecendo comentários sobre a trajetória da agropecuária brasileira em que o setor tem sido destaque da economia do País, lembrando o crescente reconhecimento que a atividade vem obtendo da sociedade brasileira. Mencionou ainda que em menos de três décadas o país deixou de ser importador de alimentos, tornando-se ao contrário um exportador com crescentes ganhos de produtividade no campo. Enfatizou ainda que é o único país a obter duas safras em um único ano agrícola em ambiente tropical com crescente avanço na sustentabilidade, destacando-se os sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta de maior capacidade em sequestro de carbono, contando com 11,5 milhões de hectares sob tal sistema. O palestrante enfatizou a importância dos sistemas de pesquisa (EMBRAPA e institutos estaduais) no aporte de tecnologias para a consolidação do progresso obtido, com forte investimento em equipamentos para capacitar laboratórios, capacitação do RH, TI de ponta e estabelecimento de conexões no exterior com a instalação de bases no exterior. O Brasil, em 2050 na perspectiva dos estrangeiros, percebe o país na quinta posição mundial do ranking de economia global, portanto cultivam um olhar positivo. No cenário prospectivo preparado pela EMBRAPA que define os macroprogramas de atuação para a pesquisa da empresa, aspectos como foco, agilidade, organização, qualificação e difusão da informação são elementos chave. Dentro da EMBRAPA é centralizado o Consórcio Pesquisa Café que reúne diversos institutos e universidades que atuam na

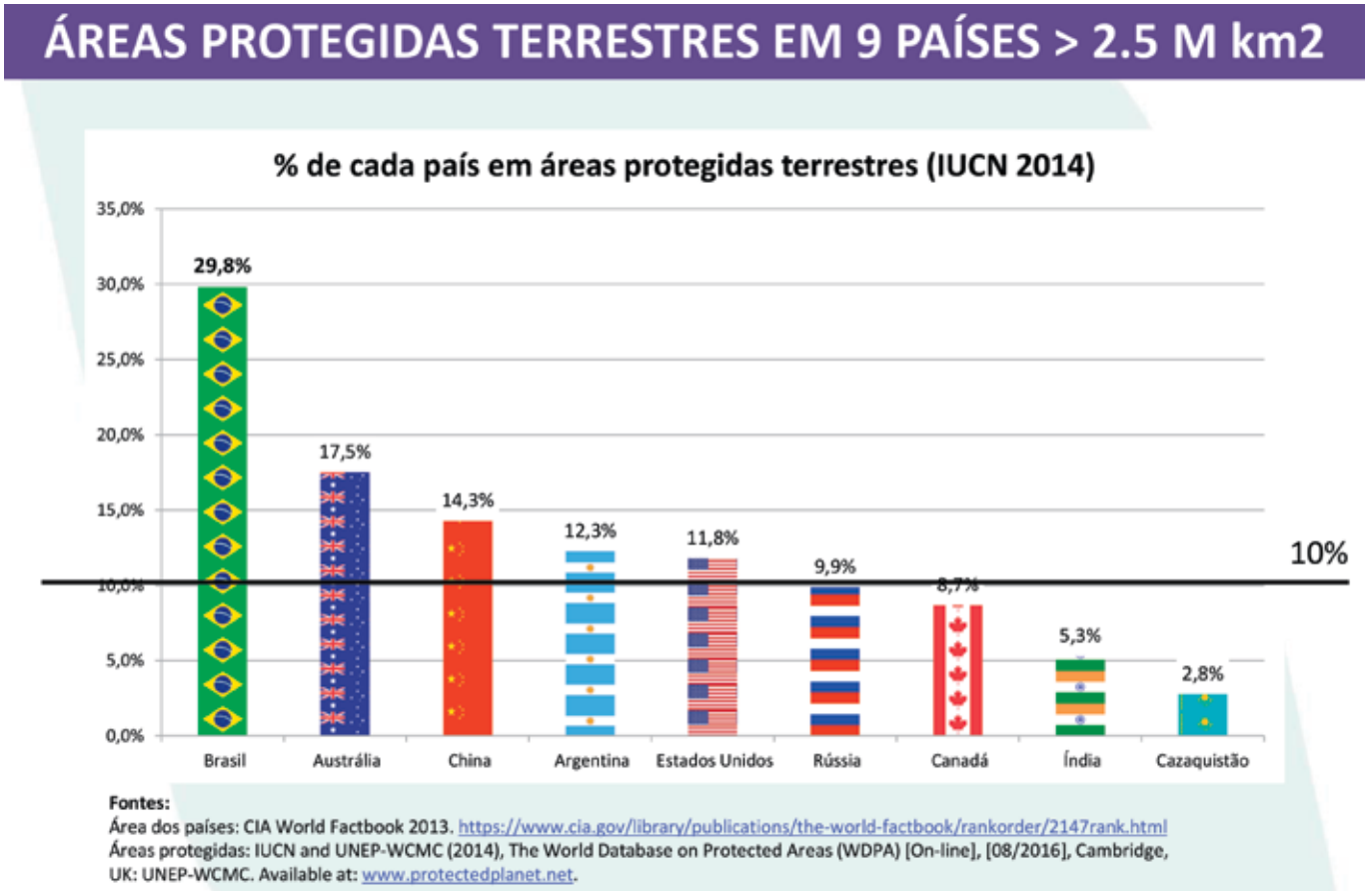
pesquisa cafeeira. Em 2030, adotando crescimento anual da demanda de 2,0% a.a., o cenário prospectivo elaborado prevê necessidade de produção brasileira de 68 milhões de sacas. A EMBRAPA já antecipa esse cenário com a entrega para o mercado da variedade Ouro Negro que exibe média de 70 sc/ha. Graças a essa variedade a produção rondoniense poderá atingir 2,2 milhões de sacas. Para o palestrante tecnologias como irrigação de precisão, manejo do mato nas entrelinhas, o monitoramento de pragas e doenças e a colheita mecânica formam o rol de tecnologias a serem incorporadas aos sistemas produtivos. Finalizou sua apresentação mencionando as instalações que simulam o desempenho da lavoura sob saturação de CO2, única no país.

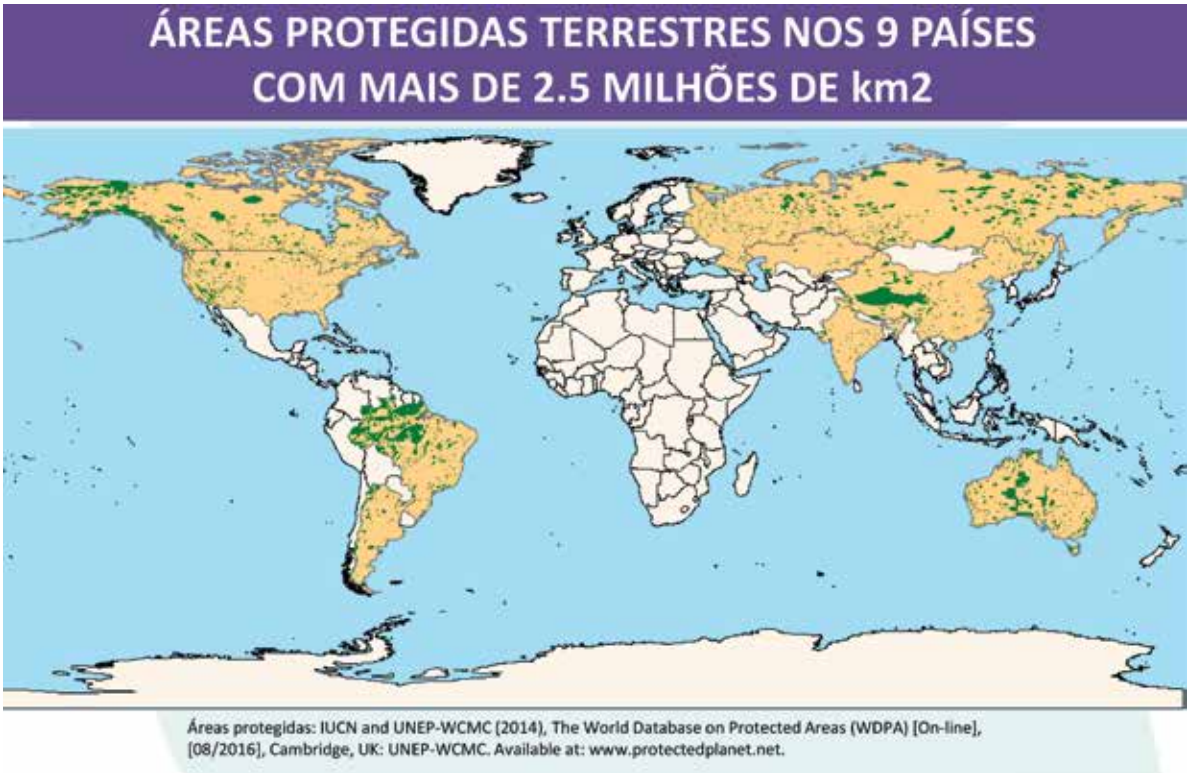


Ladislau Neto, é o Diretor-Executivo de Pesquisa e Desenvolvimento da EMBRAPA, possui graduação em Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado em Física Aplicada pelo Instituto de Física de São Carlos USP) e doutorado em Física Aplicada pelo Instituto de Física de São Carlos USP. Realizou pós-doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos, em ciência do solo e meio ambiente.

"Atribuição, Ocupação e Uso das Terras no Brasil"

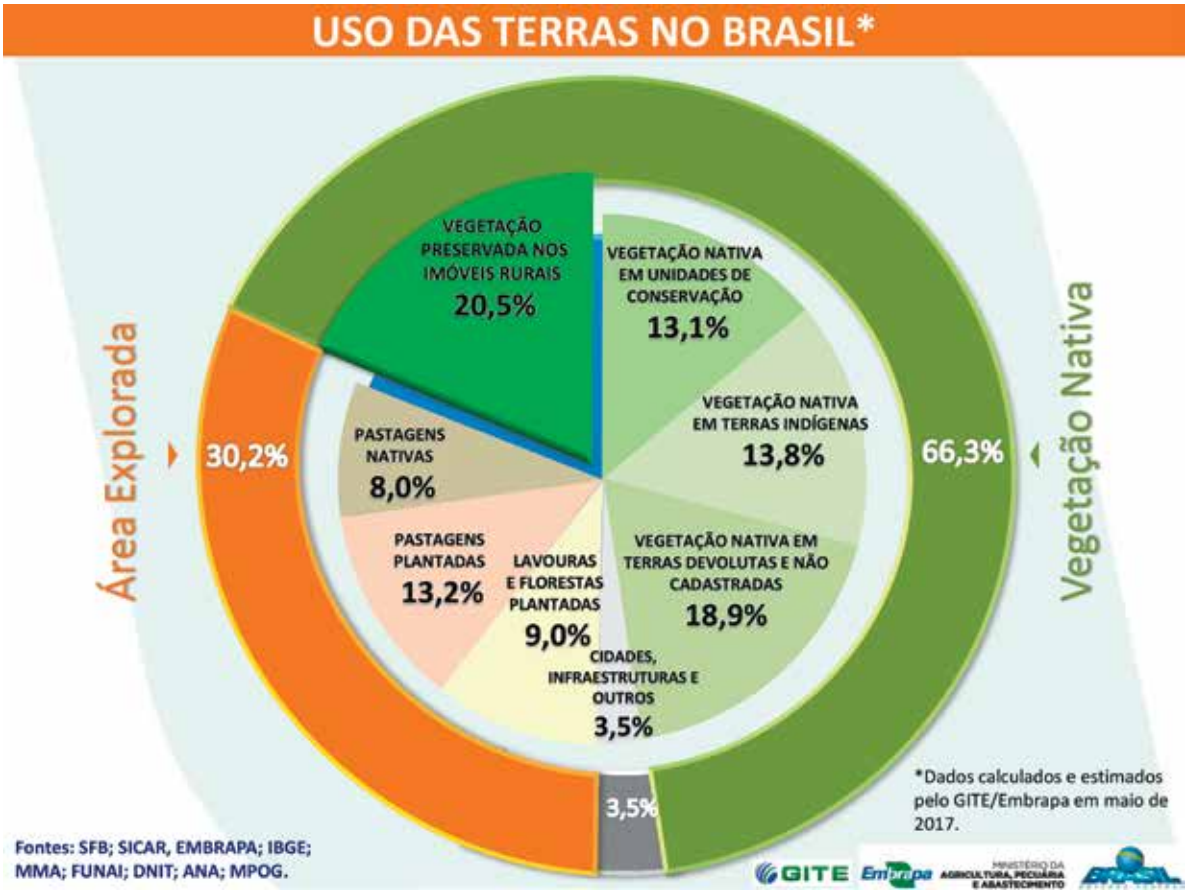
Com a palestra "Atribuição, ocupação e uso das terras", o pesquisador apresentou a acelerada dinâmica com que tem havido transformações no uso das terras no Brasil. Exemplificando, exibiu imagens de área no oeste baiano em que poucos pivôs eram mapeados em 1990, alcançando várias centenas em 2015 na mesma gleba. O conceito de atribuição compete aos governos a destinar áreas para preservação ambiental, terras indígenas e quilombolas. Atualmente o país conta com 1800 unidades de conservação que adicionada as demais unidades atribuídas representa 29,8% de todo o território nacional. Comparativamente, a média internacional é de 10% incluindo-se as geleiras e desertos. Afora essa grande área já atribuída existem demanda por novas atribuições que podem incrementar ainda mais o percentual estimado. Quanto a ocupação, tem-se cidades, rodovias e agropecuária que pelos dados do CAR somam 4 milhões de imóveis e 408 milhões de hectares. No quesito uso, exemplificando o caso de Minas Gerais, os 610 mil estabelecimentos possuem área ocupada de 10,9 milhões de hectares com cerca de 33% sob cobertura vegetal. O caso é importante pois se trata de áreas de ocupação consolidadas desde a época do império repleta de encostas e topo de morros, tratados pelo Código Florestal de forma muito restritiva. Num resumo dos dados obtidos pelo CAR, dos 850 milhões de hectares do território, 13% representam áreas de conservação, 13,6% em terras indígenas, 18,9% de vegetação nativa, 20,8% de preservação nos imó-





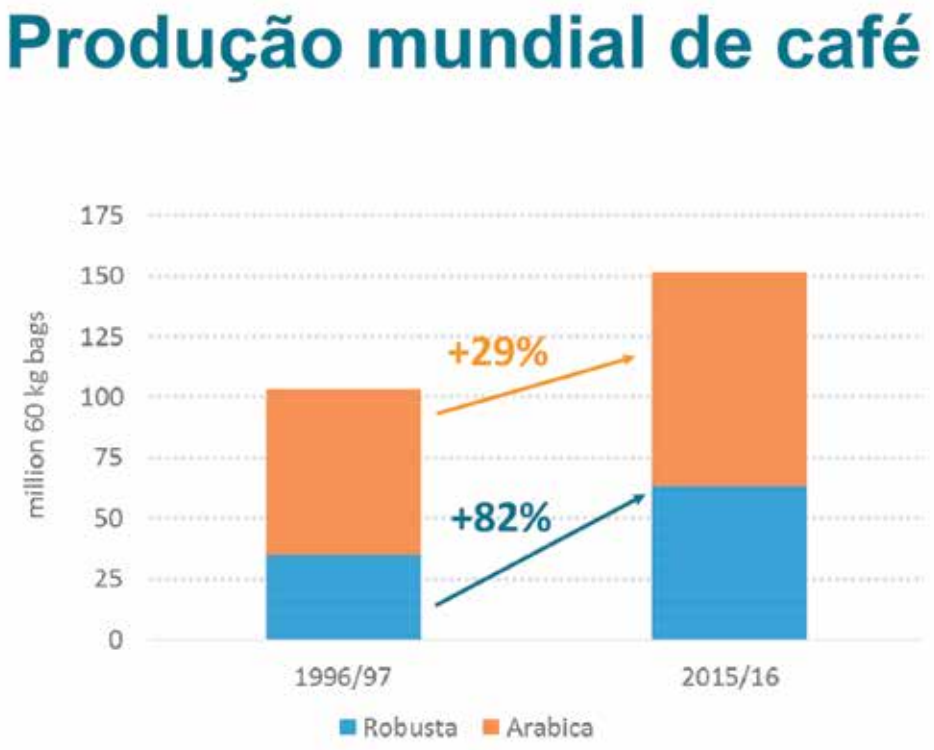
veis rurais, 8,0% de pastagens nativas, 13,2% de pastagens plantadas, 9,0% lavouras, florestas plantadas. O palestrante conclui efetuando comparações dessas áreas de conservação (atribuídas e privadas) acrescida das pastagens naturais e do pantanal com a dimensão das regiões/estados brasileiros, demonstrando que, no quesito produção com preservação, o Brasil situa-se muito bem no cenário internacional.

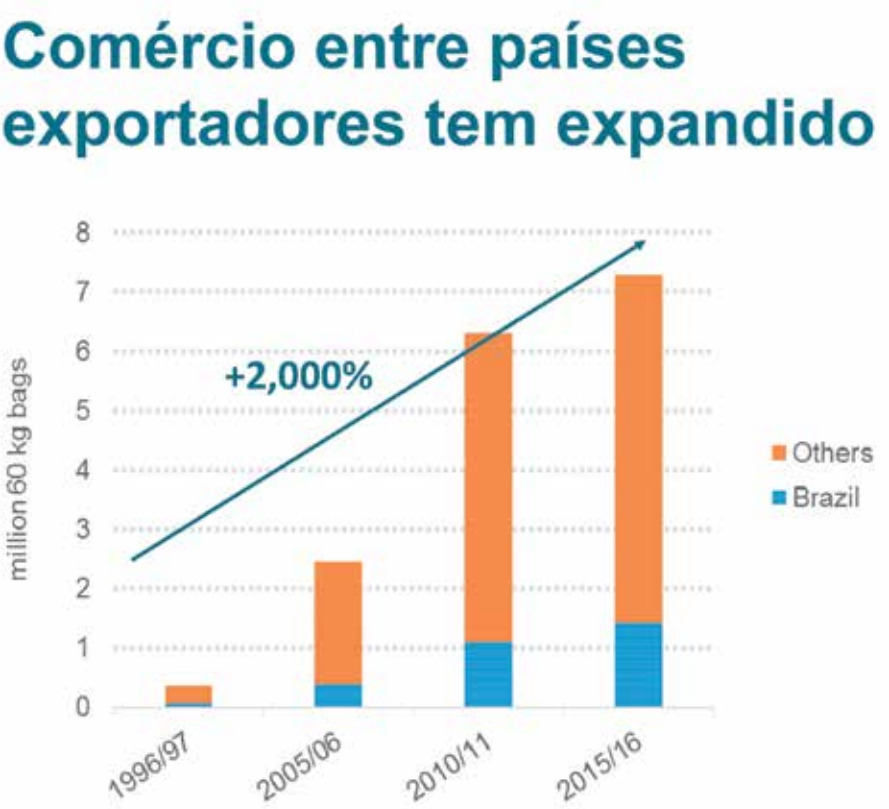
Evaristo Eduardo de Miranda, é agrônomo, com mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier, na França, possui centenas de trabalhos técnicos e científicos publicados no Brasil e no exterior, sendo autor de 47 livros. É consultor de instituições de pesquisa e desenvolvimento no Brasil e no exterior, como FAPESP, FAO, OEA e Unesco. É pesquisador da Embrapa desde 1980, sendo Chefe Geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, onde coordena o Grupo de Inteligência Territorial Estratégica – GITE.



Fluxos do Comércio Mundial

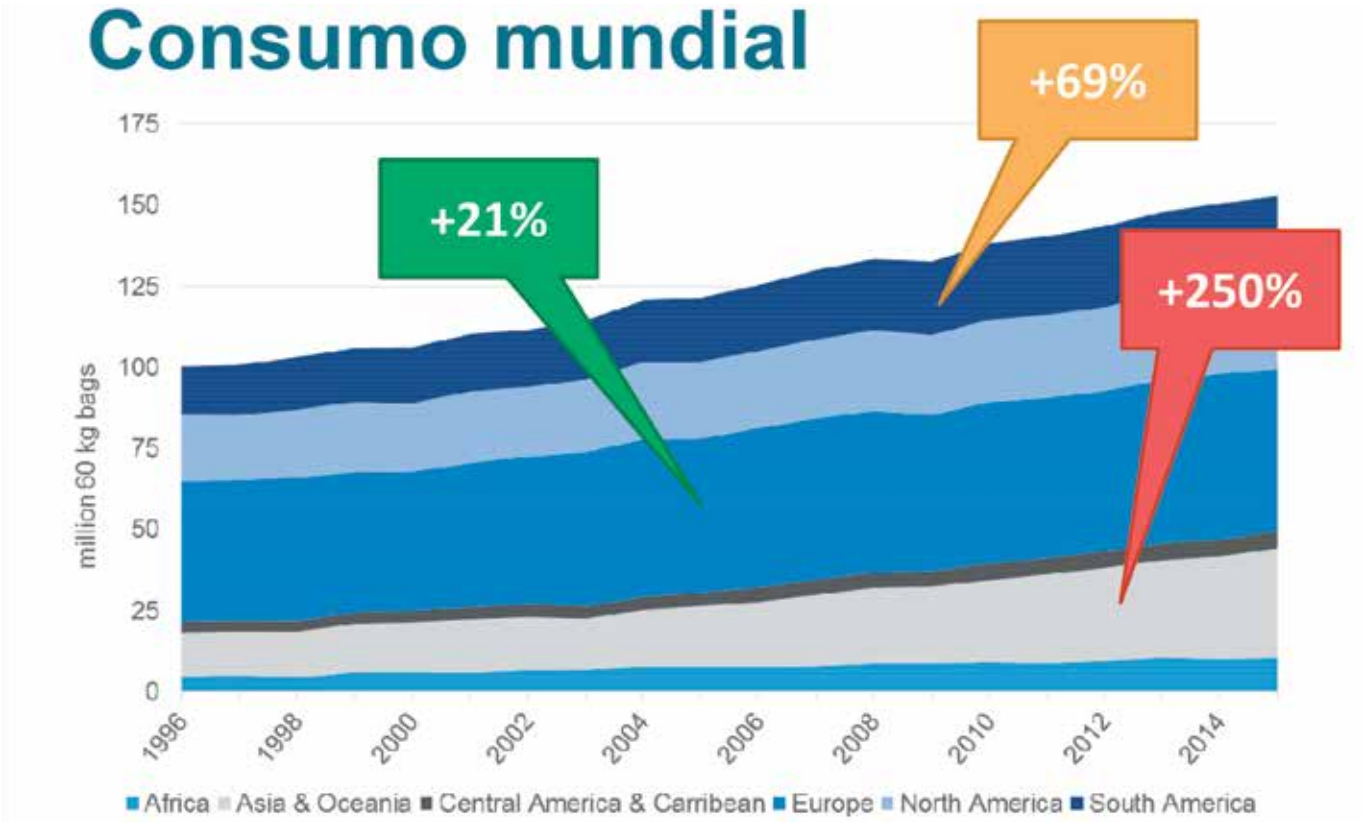
Primeiramente, José Sette apresentou a comparação entre os anos cafeeiros de 1996/97 com 2016/2017, observando que houve incremento de 50 milhões de sacas no período considerado, saltando o consumo mundial de 100 para 150 milhões de sacas. Nesse período o Brasil mantém sua liderança, mas surgem novos competidores como o Vietnã e mais recentemente Honduras e Peru, com declínio do México. Nesse mesmo período as exportações mantiveram participação de 80% da produção total, enquanto o consumo doméstico de 20% do total produzido, exibindo esse indicador uma tendência de estabilidade. Quanto aos importadores, esses continuam abastecendo-se do produto brasileiro, porém há substituição da Colômbia pelo Vietnã e forte crescimento das reexportações da Alemanha. Os EUA mantém concentradas suas compras da América Central e do Sul, com o Vietnã triplicando suas vendas para esse país. Há em andamento processo de concentração da oferta de café com declínio da origem africana nesse contexto. Também houve expansão do comércio entre países produtores, que apenas do Brasil importaram aproximadamente 1,4 milhões de sacas e que globalmente já representa 7 milhões de sacas. O sudeste asiático representa o polo mais dinâmico de crescimento da demanda pela bebida com expansão de 5%a.a., enquanto a média mundial gira em torno dos 2,3%a.a. Nesse mercado o Japão se destaca com demanda de 7,8m de sacas, seguido pela Coréia do Sul com 2,2 milhões de sacas. O maior supridor desses mercados é o Brasil seguido pelo Vietnã, sendo a Colômbia o país que mais perdeu *market share* no mercado japonês. O mercado chinês ainda é um desafio para





o Brasil, porém repleto de oportunidades. Numa visão ampliada do mercado asiático, árabes, Rússia e Turquia, o potencial de crescimento do consumo de café é gigantesco evidenciando um formidável futuro para a bebida.

José Sette, assumiu o cargo de Diretor-Executivo da Organização Internacional do Café (OIC) em maio de 2017. Antes de retornar à OIC, ele foi Diretor-Executivo do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (CCIA) de janeiro de 2014 a abril de 2017. Ele trabalhou anteriormente na OIC como Diretor-Executivo interino de novembro de 2010 a novembro de 2011, e como Chefe de Operações de novembro de 2007 a dezembro de 2012.



Com a mediação de Sérgio Hazan da Comexim e com os palestrantes Lara Brans, presidente da JDE no Brasil, e Rodrigo Corrêa da Costa, diretor de Commodities da Comexim USA, em Nova York, iniciou-se o 2º painel: Fluxo do Consumo Mundial de Café.

Consumo Mundial

Atuando há 20 anos no mercado de café a palestrante narrou a história da JACOBS DOUWE EGBERTS (JDE), empresa que foi fundada em 1753 na Holanda. Dentre as inúmeras marcas pertencentes ao grupo, no Brasil, a marca Pilão é a líder de mercado. Presente em cerca de 100 países, em 28 deles, a empresa posiciona-se no primeiro ou segunda posição do ranking de vendas de varejo, tratando-se portando de uma empresa de caráter global com 9,5% do mercado mundial de café. A empresa atua nas mais diversas categorias do mercado de café possuindo em todos os segmentos marcas de grande penetração junto aos consumidores. A forte responsabilidade coorporativa da empresa a levou a criar *compliances* aplicadas ao longo de toda a cadeia, desde o apoio a produção até oferecer o café que os consumidores mais apreciam. Quanto ao mercado consumidor mundial, a palestrante apresentou dados estatísticos do EUROMONITOR. Segundo essa fonte, em 2016, o mercado de bebidas quentes soma US$137 bilhões (crescimento de 6,0%) representando o café 60% desse total de faturamento. A expectativa que esse mercado mantenha taxa de crescimento de 3,0%a.a. até 2021. A China é o principal mercado mundial para bebidas quentes com US$18 bilhões, sendo a principal bebida o chá. Os EUA posicionam-se em segundo lugar com faturamento de US$16 bilhões e o Brasil com US$8,0 bilhões ocupa o quinto lugar no ranking de consumo de bebidas quentes. A entidade estima que o crescimento na demanda por bebidas quentes continue forte entre asiáticos, latinos americanos e árabes. O torrado e moído e as cápsulas

são produtos com tendência de queda enquanto o solúvel e a mistura (cappuccino, café com leite) são os produtos em rápida expansão. No mercado brasileiro o café tem 95% de penetração nos lares e 83% dos consumidores tomam café todos os dias, representando o T&M 95% do total das vendas com 76% do valor. As cápsulas com menos de 5% do mercado contabilizam 14% do valor global das vendas de café. O Brasil é o quinto maior consumidor per capita de café, porém declina para 17º em gasto médio no ranking mundial. No consumo fora do lar há maior valor desembolsado por dose da bebida. Com um portfolio de sete marcas a empresa é líder nos mercados paulista e fluminense. Como meta para o futuro a estratégia da empresa prevê incrementar valor nas vendas por meio de investimentos na educação dos consumidores, inovação e comunicação apostando na expansão das vendas de cápsulas em que a empresa já possui 80% do mercado de cápsulas compatíveis

Lara Brans, é economista formada pela Universidade de Rotterdam, com extensão no programa de Diretores da GAICD na Austrália, Lara tem 26 anos de experiência profissional. Na antiga Sara Lee, assumiu posição estratégica na divisão de "Out Of Home - Consumo fora do lar" na Holanda, sendo convidada, mais tarde, para a diretoria regional de Aromatizadores de Ambientes (AmbiPur) na Ásia-Pacífico. Em 2015, assumiu o desafio de liderar a operação de cafés da JDE no Brasil, um dos mercados mais promissores da JDE, aqui detentora das marcas de café Pilão, Damasco, Caboclo, Café do Ponto, LOR, Seleto e agora também, Pelé.

Oferta e Demanda

Inicialmente, Rodrigo Costa demonstrou-se surpreso pelo começo de 2017, pois mesmo com contexto de oferta apertada as cotações mantiveram-se estáveis ou em tendência de baixa. As safras mundiais de 2015/16 e 2016/17 foram satisfatórias, porém devido às macrotendências do mercado, menor apetite por risco e antecipação especulativa dos investidores diante da safra potencialmente grande no Brasil, as cotações foram afetadas. Na Bolsa de Nova York, as cotações foram pressionadas para níveis de começo de 2016 transparecendo aos investidores relativo superávit de arábica. A última safra brasileira embora tenha subido em arábica caiu em conilon, portanto tal perspectiva é um tanto míope frente a realidade. A famosa mãe de todas as safras não se confirmou em 2015/16, sendo similar a colhida em 2012/13. Uma explicação plausível para o comportamento dos preços é o aparecimento de estoques "invisíveis" (decorrência das elevadas cotações em 2016?). Nos EUA os estoques são os mais elevados dos últimos 24 meses e na UE e Japão também exibem elevação dos estoques. As oscilações da cotação do dólar também dificultam a valorização do produto. Por outro lado, os consumidores cada vez mais voltados para as monodoses têm contribuído para a diminuição do ritmo de expansão do consumo que focaliza mais a questão da qualidade da bebida em claro processo de descomoditização. Sob esse contexto os torrefadores anteciparam suas aquisições, porém o enfraquecimento do dólar afugenta os compradores do mercado. Sem perspectivas de incremento das taxas de juros pelo FED o cenário para o dólar é de manutenção da ten-

Supply and Demand

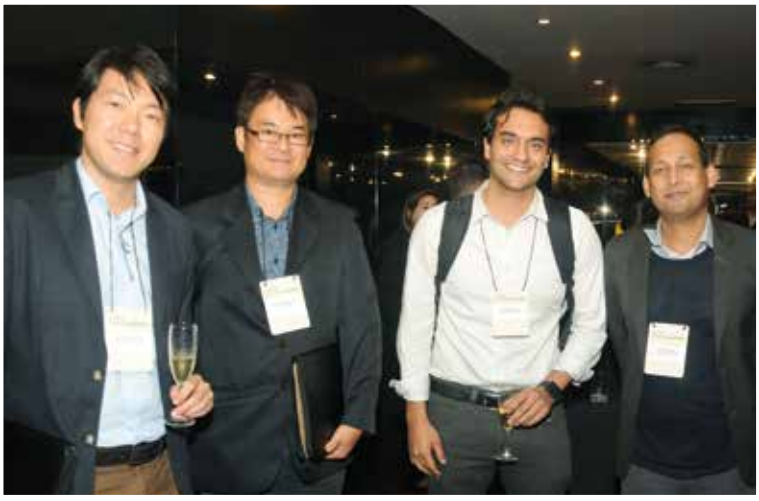
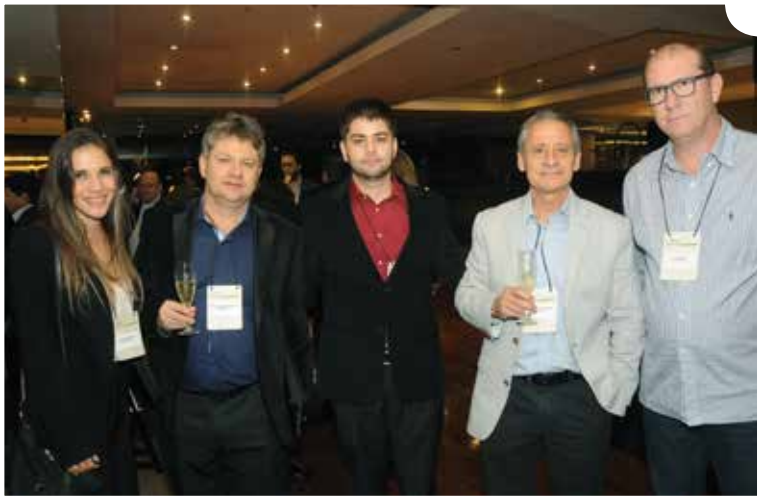
Crop Year	Production	Consumption	Balance	Stocks
2012 / 2013	154.8	145.7	9.1	32.7
2013 / 2014	152.5	148.2	4.3	37.0
2014 / 2015	147.6	150.1	-2.5	34.5
2015 / 2016	151.6	152.7	-1.1	33.4
2016 / 2017	153.6	155.3	-1.7	31.7

dência de queda. Há muita turbulência no ambiente político dos EUA e tampouco o CRB demonstra evolução favorável. Os fundos dos grandes investidores possuíam em meados de 2016 59 mil contratos comprados declinando agora para 18 mil vendidos, porém desse patamar não deve cair mais. As perspectivas para esse mercado são de US$c120/lbp que associado a desvalorização das moedas dos países produtores permitirá manutenção do investimento em tecnologia nas lavouras e manutenção das entregas de curto prazo. Porém abaixo de US$c100/lbp há um congelamento do trato. Safra de até 65 milhões de sacas pode não ser tão grande assim pois a relação estoque/consumo mantém-se baixa com estreitamento da arbitragem NYxLO. Também seguem apertados os diferenciais entre as qualidades do produto brasileiro e tal realidade em algum momento chegará ao mercado externo. Em um balanço global tem-se 2017/18 com déficit de 4,2 milhões de sacas revertendo-se para 4,5 milhões de sacas de superávit em 2018/19. Assim, pode haver alguma recuperação de preços pois não estoque para assegurar fluxo de suprimento caso ocorra uma inesperada perda de produção em razão de problemas climáticos.

Production of Arabica and Robusta

Crop Year	Arabica	Robusta	Total
2012 / 2013	90.9	63.9	154.8
2013 / 2014	87.7	64.8	152.5
2014 / 2015	81.7	65.9	147.6
2015 / 2016	83.7	67.9	151.6
2016 / 2017	93.7	59.9	153.6

Brazil, Vietnam Colombia and Honduras

Crop Year	World	Brazil	Vietnam	Colombia	Honduras
2012 / 2013	154.8	57.6	26.5	9.9	4.8
2013 / 2014	152.5	54.5	29.8	12.0	4.4
2014 / 2015	147.6	50.2	28.2	12.5	5.1
2015 / 2016	151.6	49.5	29.0	13.9	5.7
2016 / 2017	153.6	55.0	25.0	14.3	6.3

Rodrigo Corrêa da Costa, é formado em Administração de Empresas, com MBA em Contabilidade e Finanças pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Diretor de Commodities da Comexim USA em Nova York, é responsável pela divisão de trading do grupo na América do Norte. Além de sua função atual na empresa, tem uma experiência consolidada na indústria cafeeira, desde compras, comercialização, vendas e gerenciamento de riscos tanto na origem como no destino. É árbitro do contrato "C", Rodrigo faz parte de um seleto grupo de profissionais que avaliam a elegibilidade de cafés a serem entregues na bolsa da ICE.